

O TEXTO LITERÁRIO COMO FERRAMENTA PARA FORMAÇÃO DE JOVENS LEITORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Izabela Cristina de Lima Silva¹
Leylane Karolayne Mendonça da Silva²
Iara Francisca Araújo Cavalcanti³

INTRODUÇÃO

Compreendendo a leitura como uma ferramenta essencial para o bem viver em sociedade, como uma ação de interlocução com o outro, comungamos com Xavier (2015) ao afirmar que ler é construir sentidos, e não apenas decifrar o texto escrito. Essa é uma capacidade do ser humano: poder refletir acerca de seu papel social em determinado contexto social por meio da leitura. Partindo desse pressuposto, elaboramos atividades práticas de leitura para uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, contemplando diferentes gêneros literários, com propósito de formar novos leitores, pois acreditamos que a leitura é o ponto de partida e de chegada do ensino aprendizagem (GERALDI, 2001).

Por concebermos a escola como uma agência de letramentos, destacamos que esta tem papel fundamental na formação de leitores, promovendo o gosto pela leitura e o fruir estético, entretanto, na realidade, vimos que nem sempre é possível ao profissional docente instaurar esse tipo de intervenção na maioria das salas de aula do ensino fundamental, por diversos fatores externos, a exemplo do próprio calendário escolar, dos eixos temáticos bimestrais que deixam a desejar quanto à literatura, falta de interesse do alunado nas aulas literárias, ausência de recursos, entre outros.

Ao observarmos esta realidade em uma turma de 7º ano da Escola Municipal, situada na cidade de Campina Grande-PB, nós, bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)⁴, incorporamos durante nossas intervenções em sala de aula, atividades que compreendiam a literatura em suas especificidades, objetivando que os alunos adquirissem gosto pela estética da leitura.

A proposta de intervenção, elaborada, buscou se desvencilhar da forma padrão escolarizada que muitas vezes prevê trabalhar a leitura como pretexto para atividades avaliativas ou estudo de gramática. De forma lúdica, buscamos através das rodas de leitura, realizadas em diferentes espaços da escola e em diversas obras literárias, proporcionar aos alunos a compreensão dos possíveis sentidos de um texto literário, refletindo sobre a mensagem e separação de um sentido único, visando abordar as diversas interpretações feitas pelos próprios alunos, propiciando aulas com enfoque lúdico e interacionista.

¹Graduando do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba-PB, izabelaclsilva@gmail.com;

²Graduanda do Curso Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba-PB, leylanekarolayne@outlook.com

³Professora Orientadora: Doutora, Universidade Estadual da Paraíba - PB, iaraupeb@hotmail.com.

⁴ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Financiado pela CAPES.

É desta maneira que o PIBID apresenta-se como ferramenta para formação inicial de professores: por viabilizar a interação entre Ensino Superior e Educação Básica de forma reflexiva acerca da teoria e prática.

Sendo assim, a formação de jovens leitores na escola básica é uma das ações do professor em sala de aula que precisa ser refletida e realizada de forma prazerosa para que os alunos tenham interesse em ler, só assim conseguiremos que eles atribuam sentido ao texto lido. Sobre a importância da leitura no contexto escolar, Solé (2014, p.23) afirma que “os recursos de ensino devem fazer dos alunos bons leitores, que sintam prazer e gosto pela leitura e, se possível, que se apaixonem por ela. Esses leitores aprenderão lendo, enquanto desfrutam sua tarefa.” Ou seja, é a partir desta ação desenvolvida na escola, visando não apenas alunos leitores proficientes, mas também apreciadores da leitura, que este artigo aborda práticas para fruição do texto, como sendo o melhor caminho para o desenvolvimento e consolidação do gosto pela leitura. Isso porque acreditamos que a leitura abre caminhos, principalmente para a produção textual.

METODOLOGIA

Os caminhos metodológicos percorridos para a formação do aluno leitor, fortificando, desta maneira, o princípio do prazer pela leitura na escola, se dá na reconstituição do percurso literário já vivenciado pelos estudantes e do reconhecimento de seus hábitos de leitura, para, a partir deste ponto, localizar as dificuldades apresentadas com a finalidade de saná-las e identificar as vivências de cada aluno com o texto literário. Para esse fim, elaboramos um questionário com o objetivo de traçarmos nossa proposta de intervenção.

Tal questionário contendo onze perguntas foi respondido por dezenove alunos da turma do 7º ano da Escola Municipal em que estávamos realizando as ações do PIBID. Dos dezenove alunos, só três afirmaram que gostam de ler, cinco que não gostam e onze disseram que às vezes. Quando questionados sobre o gênero que mais gostam, o mais citado foi história em quadrinhos com oito menções. Seguido por romance (cinco), conto (três), terror (dois) e poema (um). No que diz respeito a continuidade na leitura, nove alunos afirmaram que costumam parar na metade, enquanto seis dizem que vão até o final do texto. Há ainda os alunos que costumam apenas olhar a capa e figuras (três) ou ficar no início da história (um).

Esses resultados nos apontam que faz-se necessário conquistar os alunos que não gostam de ler, e questionar o porquê da leitura ser prazerosa “às vezes” sim, e outras vezes não. Ou seja, o intuito é ir até a raiz do problema para buscar solucioná-lo. Sem adivinhações, mas a partir dos relatos dos próprios alunos acerca de suas predileções e dificuldades. Constatou-se que uma das formas de atrair esse público para prática de leitura prazerosa é justamente propiciar dinamicidade e interesse, por isso é importante indaga-los acerca de suas preferências. Tendo em vista que o gênero literário mais citado pelos alunos no questionário é o HQ, este é um caminho que deve ser trilhado.

Para tanto, houve a aplicação de uma Sequência Didática que abrange dois gêneros textuais: mito (sugerido na grade curricular da escola) e histórias em quadrinhos. A sequência consiste no estudo do primeiro gênero, a partir do mito grego “Caixa de Pandora”, recontado por Eliana Sá, e posteriormente a retextualização da narrativa para o HQ, abarcando assim dois gêneros distintos para uma prática de leitura lúdica. Para o exercício de leitura do mito cada

aluno recebeu um livreto e numa roda, ao ar livre, foi efetuada a leitura individual e, posteriormente, coletiva da narrativa.

Objetivando ainda mais dinamicidade para as aulas, confeccionamos uma caixa, semelhante à de Pandora, para visualização e provocação do interesse dos alunos pela leitura do conto. Após esse momento, os alunos foram direcionados a também abrir a caixa e retirar as palavras que simulavam os males que foram soltas por Pandora segundo a mitologia, deixando guardada apenas a “Esperança”, por ser a última, sempre: “É por isso que quando as coisas mais tristes acontecem, a Esperança sempre vai aparecer para nos dar força e vontade de viver. Presa na caixa, bem dentro de nós, ela mora em nossos corações.” (SÁ, 2015, p. 20). Além da prática de leitura efetivada, essa atividade envolve diálogos com conhecimentos prévios, e tende a ser uma experiência significativa para o aluno, por envolver construção de novas possibilidades de interação.

Outra estratégia metodológica desenvolvida, ainda no campo de novas táticas de interação entre aluno-texto, se deu pela aplicação de uma atividade de leitura diferenciada, que pretendia estabelecer uma relação entre os alunos, enquanto leitores, com o conto intitulado “O bode e a onça”, o exercício consistia na leitura do conto somente até dado momento da narrativa. A partir dali os próprios alunos discorreriam o fim da história, pois seguindo o que afirma Authier –Revuz, J., “o sentido de um texto não é jamais interrompido, já que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis.” (1982, p. 104). Ou seja, cada aluno a partir da mesma situação, desenvolveu leituras diferenciadas e possíveis para concluir a narrativa de acordo com sua subjetividade e conhecimento de mundo.

DESENVOLVIMENTO

É sabido que um dos focos do ensino de língua portuguesa nas escolas está na prática de leitura de textos, até porque tais atividades estão previstas pela BNCC, entretanto como aponta Geraldi (2001, p.91), há uma certa artificialidade nessa aplicação prevista para o âmbito escolar, pois: “Na escola não se leem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos. E isto nada mais é do que simular leituras.”. A raiz do problema do ensino “simulado”, encontra-se muitas vezes, no tempo dedicado por semana à linguagem, mas também, no próprio conceito de leitura apresentado no Projeto Curricular Escolar, que frisa a linguagem oral e escrita, entretanto sem apontar concretamente o âmbito da leitura por prazer, propriamente.

A partir do exposto, pode-se questionar como a atuação dos pibidianos na escola pode modificar tal “simulação de leitura”, apontada por Geraldi (2001), construindo novas interações entre alunos e professores, e refletindo sobre a formação docente para atuação em sala de aula de leitura na educação básica. Primeiramente, aponta-se que um dos objetivos do PIBID é:

Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem. (CAPES)

Ou seja, o Programa objetiva que o discente identifique as dificuldades na escola em que se inserir, e a partir deste ponto possa superá-las. Para que isto seja possível, foi realizado

um curso de formação na Instituição de Ensino Superior (IES), propiciando um aparato teórico aos estudantes de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), vinculados ao PIBID, objetivando repensar as práticas no procedimento ensino-aprendizagem, na tentativa de suprir, apesar das limitações da escola, a artificialidade instituída quando se diz respeito as práticas de leitura.

Para que se possa pensar sobre um projeto de formação de jovens leitores, ensino e apreciação da literatura, mediação do texto literário em sala de aula e afins, faz-se necessário anteriormente conceituar o que é a leitura. Após aprofundar-se no que alguns teóricos explanam, pareceu pertinente adotar o que Marisa Lajolo diz a respeito:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (1982, p. 59)

Ou seja, o processo de leitura deve permitir àquele que lê, além da compreensão do texto, a construção de uma ideia acerca de seu conteúdo, retirando a partir de suas vivências e de seus objetivos, aquilo que chama atenção e o permite decifrar a realidade, sendo assim, essa experiência deve cooperar para o aperfeiçoamento de sua maneira de expressar sentidos acerca do mundo a seu redor.

Para isto, é necessário que o leitor se coloque ante o texto. Segundo Geraldi (2001), há 4 formas possíveis de se colocar diante da leitura: a) busca de informações; b) estudo do texto; c) pretexto; d) fruição do texto. Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é o incentivo de prazer à leitura para os alunos de 7º ano, se atentar aqui o conceito de d), que o autor define “Com “leitura—fruição de texto” estou pretendendo recuperar de nossa experiência uma forma de interlocução praticamente ausente das aulas de língua portuguesa: o ler por ler, gratuitamente.” (GERALDI, 2001, p. 99). Ele ainda frisa que a gratuidade mencionada não significa que a leitura não terá um resultado, mas sim que há um “desinteresse pelo controle do resultado”.

Assim sendo, fica evidente que um ponto primordial para que o incentivo à leitura na educação básica seja efetivado, é o desapego a busca de informações como sendo o intuito exclusivo da leitura, ou ainda a utilização do texto unicamente como objeto de estudo, ou qualquer outro pretexto empregado. Por isso, os bolsistas da iniciação à docência aplicaram na escola tal ação de recuperação do princípio de leituras por prazer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista o questionário sobre hábito de leitura aplicado na turma de 7º ano da Escola Municipal onde realizamos a intervenção, constatou-se que 26,3% dos alunos não gostavam de ler, contra apenas 15,7% que afirmaram gostar. Enquanto mais da metade da turma (57,8%) disseram que gostam “às vezes”. A partir desses dados ficou evidente a necessidade de uma campanha de incentivo à leitura para tais alunos.

Considerando que a maioria da turma tem prazer pela leitura “às vezes” sim, e às vezes não, foram feitas práticas de leitura dinâmicas e com narrativas sugeridas pelos próprios alunos, propiciando que a mesma fosse prazerosa *todas* as vezes. Outro dado interessante diz respeito a continuidade de leitura. De acordo com o questionário aplicado, apenas 31,5% costumavam ir até o final da narrativa, em contraponto 47,3% paravam na metade e 21% afirmaram só olhar a capa e as figuras ficando no início da história.

Após a ação dos licenciandos, exemplificando com a leitura da “Caixa de Pandora”, constatou-se que grande parte da turma leu até o fim do livro. Esse resultado foi alcançado após meses de intervenção e aprendizado constante e mútuo entre os PIBIDIANOS e os alunos do 7º ano, pois como afirma Isabel Solé (2014): “ensinar e aprender a ler são tarefas complexas, mas também enormemente gratificantes, tanto pela funcionalidade do conteúdo como pelo papel de protagonista e o envolvimento que exige os responsáveis, professores e alunos para que ocorra a aquisição dessa aprendizagem.” (p. 23,24). Assim, compreendemos que se faz necessário mais intervenções que contemplem a prática de leitura por prazer, principalmente no Ensino Fundamental .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos aspectos mencionados é perceptível que a leitura por prazer, apesar de essencial na formação dos alunos, ainda é algo distante da realidade escolar. Isto ocorre porque muitas vezes a leitura é utilizada como pretexto para ensino da gramática e/ou outras atividades, embora saibamos que a incorporação literária e as atividades compreendendo a literatura em si é imprescindível para o caráter leitor no alunado. Por essa razão, a maioria dos alunos que responderam o questionário aplicado por nós, PIBIDIANOS, assinalaram que não gostavam de ler, e outros afirmaram que não costumavam ler um livro até o final. Pode-se levar em conta, neste caso, as leituras obrigatórias aplicadas como atividade de sala/casa a fim de responder exercícios que não correspondem, de fato, as atividades literárias. A priori, podemos afirmar que é algo necessário, mas não efetivado.

Com isso, constata-se que o ambiente escolar está necessitado de novas propostas que mediem a literatura entre os alunos, como foi realizado com a turma do 7º ano na qual estávamos inseridos. Após o período de observação na sala de aula, foram levadas narrativas de diversos gêneros utilizando-se de diferentes metodologias, dentre elas, a formação de rodas de leitura, debates sobre contos, retextualização de narrativas para HQ’s, entre outros. A partir disso ficou nítido o gosto que as crianças obtiveram por poder participar de forma direta na leitura e retextualização dos textos, ou seja, o retorno obtido através das ações desenvolvidas foi positivo. Assim, as atividades literárias foram proveitosas tanto para os licenciandos, quanto para os alunos que participaram de tais atividades reflexivas.

Com base em todos os dados apresentados ao longo deste trabalho é possível afirmar a imprescindibilidade das escolas e professores apresentarem aos alunos a literatura na sua essência e finalidade em si mesma, demonstrando aos estudantes o prazer da leitura e sua importância para a construção social e crítica do ser.

Palavras-chave: leitura, interação, ensino-aprendizagem, PIBID.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours.** DRLAV, Paris, Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII, 1982.

CAPES, Fundação. **PIBID- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.** Disponível em: <https://capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acesso em: 15 out. 2019.

GERALDI, João Wanderley. **O texto em sala de aula.** São Paulo: Ática, 2001.

LAJOLO, Marisa. "O texto não é pretexto" in Regina ZILBERMAN (org.). **Leitura e crise na escola: as alternativas do professor.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

SÁ, Eliana. **A caixa de Pandora.** São Paulo: Sá Editora, 2015.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6º ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

XAVIER, Gláyci. **Uma reflexão sobre ser professor.** Rio de Janeiro: Fonte Viva, 2015.